Diagnóstico Sociocultural



OFÍCIO DAS PANELEIRAS DE GOIABEIRAS

IPHAN

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministra da Cultura
Margareth Menezes

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Leandro Antonio Grass Peixoto

Diretoria do Iphan
Andrey Rosenthal Schlee
Desiree Ramos Tozi
Deyvesson Israel Alves Gusmão
Maria Silvia Rossi

Superintendente do Iphan no Espírito Santo
Elisa Machado Taveira

Departamento de Cooperação e Fomento
Desirée Ramos Tozi

Coordenação-Geral de Cooperação Nacional
Maíra Torres Corrêa

Divisão de Promoção e Difusão do Patrimônio Cultural
Bruna da Silva Ferreira

Diagnóstico Sociocultural



OFÍCIO DAS PANELEIRAS DE GOIABEIRAS

Organização
Filipe Oliveira da Silva
Rebecca Velloso de Luna Guidi

Vitória, Iphan, 2023

Coordenação da Equipe de Pesquisa
Carla Arouca Belas

Organização da Publicação
Filipe Oliveira da Silva
Rebecca Velloso de Luna Guidi

Revisão técnica
Luan Silveira Alves de Moura
Sara Santos Morais

Revisão do texto
Fábio Sobral Rebello | Tikinet

Gráficos
Elaboração dos autores

Direção de arte
Ronaldo Nogueira

Projeto gráfico e diagramação
Érica Cristina Ferreira dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Aloísio Magalhães, Iphan

O32
Ofício das paneleiras de Goiabeiras : diagnóstico sociocultural / Organização: Filipe Oliveira da Silva e Rebecca Velloso de Luna Guidi. – Dados eletrônicos (1 arquivo PDF). – Vitória : Iphan, 2023.
52 p.

Modo de acesso: https://www.gov.br/iphan/pt-br
ISBN: 978-65-86514-96-4

1. Paneleiras. 2. Patrimônio cultural imaterial. I. Silva, Filipe Oliveira da. II. Guidi, Rebecca Velloso de Luna.

CDD 738.098152

Elaborado por Odilé Viana de Souza – CRB-1/2120

SUMÁRIO

Apresentação	07
Introdução	09
I. Identificação dos artesãos e caracterização da atividade	12
II. Perfil socioeconômico e infraestrutura da comunidade	35
III. Instituições parceiras, associativismo e perspectivas de continuidade do ofício	45
Conclusão	51



APRESENTAÇÃO

O objetivo desta publicação é divulgar informações produzidas por meio do diagnóstico sociocultural do Ofício das Paneleiras de Goiabeiras. Trata-se de um dos relatórios, concluídos em dezembro de 2015, gerados a partir da pesquisa de Revalidação do Registro deste bem cultural, sob coordenação da socióloga Carla Arouca Belas.

O ofício a que se refere esta pesquisa, cabe destacar, foi o primeiro bem imaterial do país registrado no Livro de Saberes, em 20 de dezembro de 2002, no qual se inscrevem os conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades.

Os saberes associados à fabricação artesanal das panelas de barro no bairro de Goiabeiras, situado no município de Vitória, Espírito Santo, envolvem diversas técnicas tradicionais, dentre as quais constam: a obtenção de matérias-primas no manguezal, a modelagem da argila, a secagem e a queima da panela. Em meio à realização destes processos, transmitem-se práticas geracionais que remontam às populações nativas das Américas e reforçam-se laços de identidades comunitárias.

Desde o reconhecimento como patrimônio cultural brasileiro, o Iphan tem adotado ações de salvaguarda, buscando dar visibilidade a este bem. São elas: a promoção de oficinas temáticas, a organização de reuniões de mobilização, a equipagem de sinalização interativa para fins turístico-culturais e articulações institucionais que fomentem políticas públicas voltadas aos detentores deste saber. Assim, transcorrida uma década de ações de apoio e fomento em prol da salvaguarda deste bem registrado, propôs-se sua revalidação, conforme estipula o artigo 7º do decreto 3.551/2000; e desta análise, podemos estabelecer considerações sobre o perfil socioeconômico das artesãs e artesãos, assim como as possibilidades que se apresentam ao bem cultural.

Como desdobramento desta ação, esta publicação vem contribuir para a difusão e atualização das informações acerca do bem registrado, tanto para o grande público de pesquisadores que enfocam temas direta ou indiretamente associados, quanto à própria comunidade detentora, à qual, por vezes, escapam os detalhes de seu próprio perfil, o que poderá lhes ser útil como ferramenta de salvaguarda.

Boa leitura!

INTRODUÇÃO

A pesquisa de revalidação do Ofício das Paneleiras de Goiabeiras ocorreu entre os anos de 2013 e 2015. O momento de reavaliação previsto no Decreto nº 3.551/2000 quanto à pertinência da manutenção do registro foi considerado, assim, oportuno para a realização de uma nova pesquisa que suprisse tais lacunas e avançasse na análise do período pós-registro enquanto Patrimônio Cultural Brasileiro.

Amparados pela resolução Iphan nº 01/2013, contratou-se em fins de 2013 a empresa SA Consultoria para subsidiar o processo de revalidação. As atividades de pesquisa foram iniciadas no ano seguinte, com previsão inicial de um ano. Em razão da alteração na equipe e nos procedimentos metodológicos, foi realizada uma extensão no prazo que perdurou até 2016, quando foi concluída. Tal documento endossou a revalidação do Ofício, aprovada na sessão extraordinária do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, em 31 de agosto de 2021.

A seguir, serão apresentadas informações embasadas nas análises dos dados do "Formulário Diagnóstico Sociocultural", elaborado e preenchido pela 1ª equipe da pesquisa de revalidação do registro do Ofício, conforme solicitação do Departamento do Patrimônio Imaterial (DPI-Iphan). De acordo com os registros desta 1ª equipe, a aplicação dos formulários ocorreu entre

novembro de 2014 e fevereiro de 2015, com uma média de duas (2) horas entre o início e o término das entrevistas. Foram realizadas 65 (sessenta e cinco) entrevistas com 14 (quatorze) homens e 51 (cinquenta e uma) mulheres, abrangendo as funções de mestres de ofício, auxiliares/ajudantes, casqueiros e tiradores de barro.

O questionário possui 111 (cento e onze) questões com uma diversidade de padrões – múltipla escolha com uma opção de resposta; múltipla escolha com possibilidade de mais de uma opção de resposta; perguntas abertas; e quadros de avaliação e classificação, contendo variáveis com pesos diferenciados e obtenção de média ponderada. Essas questões foram divididas em 6 (seis) blocos, denominados no formulário de grupos. A divisão entre os blocos ou grupos é a seguinte: Grupo I – Identificação Pessoal; Grupo II – Caracterização da Atividade; Grupo III – Perfil Socioeconômico; Grupo IV – Infraestrutura da Comunidade; Grupo V – Formas de Associativismo; e Grupo VI – Percepção da Atividade do Ofício.

O processo de tabulação dos dados, a formulação de gráficos e o cruzamento de informações constituíram um árduo trabalho realizado pela 2ª equipe de pesquisa. Assim, o formulário foi criado de forma dissociada de seus instrumentos de análise. Tal dissociação tornou a tarefa de tabulação bastante complexa, demandando inúmeros ajustes e soluções alternativas, como desmembramento de questões e criação de padrões de respostas com o fim de possibilitar a obtenção de gráficos e dados percentuais.

Com a finalidade de facilitar a interpretação e a apresentação dos resultados, a organização dos dados se deu, no relatório do diagnóstico que embasa esta publicação, de modo diferente do que consta no formulário. Nesse sentido, questões referentes ao perfil socioeconômico estão associadas àquelas acerca da infraestrutura comunitária; do mesmo modo, perguntas relativas a instituições parceiras foram incluídas no mesmo bloco que o associativismo e que as perspectivas de continuidade do ofício. A união de blocos/grupos e o remanejamento da posição de algumas perguntas permitiram maior objetividade na análise e fluidez do texto.

Nesse sentido, a seguir serão apresentados 3 (três) blocos de análise, além da introdução e da conclusão, organizados da seguinte forma:

I – Identificação dos Artesãos e Caracterização da Atividade;

II – Perfil Socioeconômico e Infraestrutura da Comunidade;

III – Instituições parceiras, associativismo e perspectivas de continuidade do ofício.



I. IDENTIFICAÇÃO DOS ARTESÃOS E CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE

Gênero

Conforme mencionado, 65 artesãos/paneleiras responderam ao questionário, sendo 51 mulheres (78,5%) e 14 homens (21,5%).

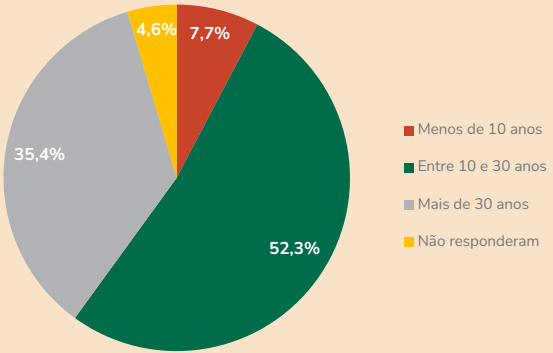
Embora alguns dos homens entrevistados trabalhem exclusivamente na extração do barro ou da casca do mangue, a maioria deles não apenas produz panelas como faz dessa

atividade a sua principal fonte de renda. Os dados das entrevistas confirmam aquilo que pode ser observado em Goiabeiras: cresce a cada dia o número de homens que atuam de fato como mestres artesãos ou auxiliares na modelagem – para além das funções tradicionais de extração de matérias-primas e queima das panelas.

Tempo de Profissão

De um modo geral, 52,3% de todos os entrevistados, independentemente do gênero, possuem entre 10 e 30 anos de profissão e 35,4% possuem mais de 30 anos de profissão, com apenas um número pequeno de novos artesãos ou principiantes (7,7%), conforme demonstra o Gráfico 1.1.

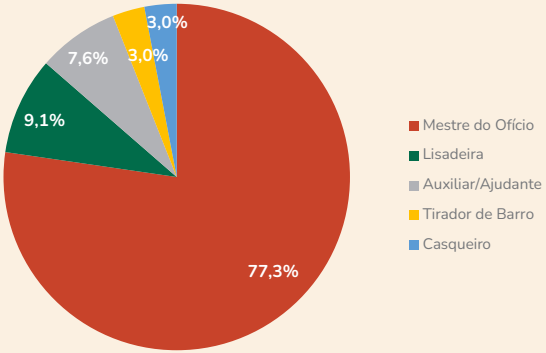
Gráfico 1.1. Tempo de profissão



Renda x Função na Profissão

Além do tempo de profissão, outro dado que chama a atenção é o fato de alguns auxiliares obterem renda maior do que os próprios mestres artesãos, o que, conclui-se, pode ser uma consequência da sofisticação da divisão do trabalho. Antes, os auxiliares eram restritos a etapas marginais da produção, como polir, alisar, amassar o barro, socar a casca e/ou queimar as peças. Atualmente, os artesãos que recebem muitas encomendas terceirizam praticamente todas as etapas da produção, incluindo o levantar da panela e a confecção das tampas, limitando-se apenas ao trabalho de acabamento. O Gráfico 1.2 apresenta a divisão do trabalho entre os artesãos.

Gráfico 1.2. Função na produção

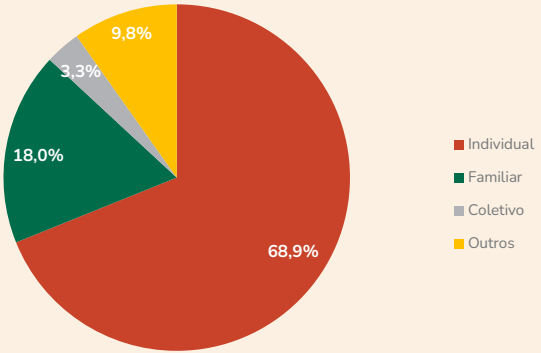


Embora a grande maioria (77,3%) dos atores envolvidos na produção seja mestre de ofício, há um percentual considerável de auxiliares/ajudantes (7,6%) e de profissionais que exercem funções exclusivas de lisadeiras casqueiro e tirador de barro (15,1%).

Produção Individual x Coletiva

A maioria dos artesãos (68,9%) produz de modo individual, 18% têm produção familiar e somente 3,3%, coletiva, conforme apresenta o Gráfico 1.3.

Gráfico 1.3. Formas de produção

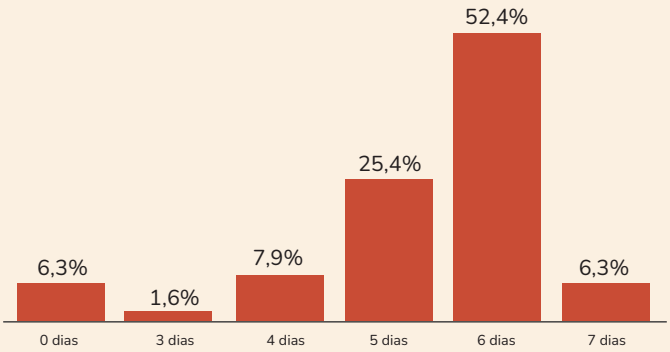


Tempo dedicado à produção

De uma forma geral, é grande o número de horas semanais dedicadas à produção artesanal, tendo a grande maioria respondido trabalhar 6 (seis) dias na semana (Gráfico 1.4). Ainda, aqueles que afirmaram trabalhar o dia todo compõem grupo ligeiramente maior em comparação àqueles cujos integrantes afirmaram se dedicar durante meio período.



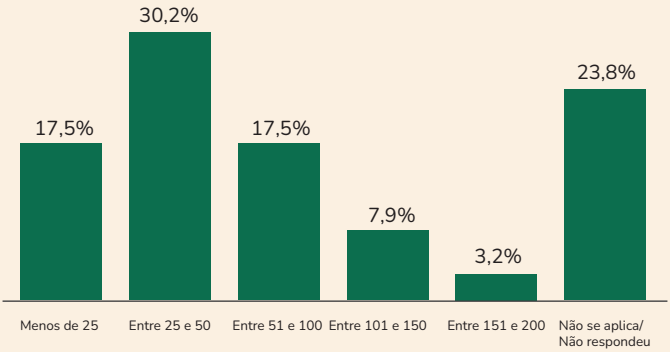
Gráfico 1.4. Número de dias na semana dedicados à produção



Produtividade

Quanto à produtividade, a maioria (30,2%) afirmou produzir entre 25 e 50 panelas por semana, sendo também alto (17,5%) o número daqueles que produzem menos de 25 por semana, como demonstra o Gráfico 1.5.

Gráfico 1.5. Número de panelas produzidas por semana

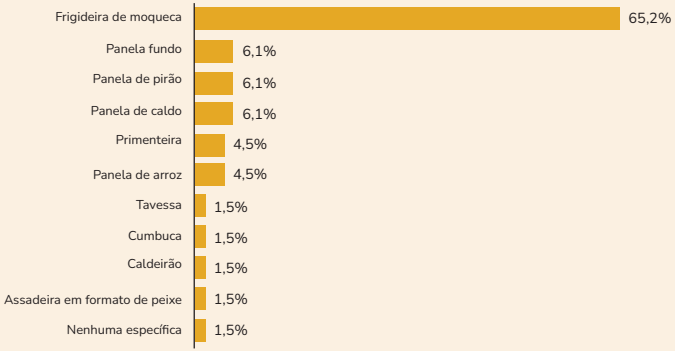


O alto índice de respostas “não se aplica” diz respeito ao trabalho de auxiliares, uma vez que estes produzem apenas partes e não uma panela por completo.

Modelos mais vendidos

A Frigideira para Moqueca, nos mais diversos tamanhos, é sem dúvida a panela mais vendida (65,2%). As demais dividem-se entre as seguintes porcentagens de vendas: Panela Funda, de Pirão e de Caldo (6,1% cada); Pimenteira e Panela de Arroz (4,5% cada); e Travessa, Cumbuca, Caldeirão e Assadeira (1,5% cada). Todos esses números podem ser vistos no Gráfico 1.6.

Gráfico 1.6. Modelos de panelas mais vendidos



Valor médio da venda

O valor médio de venda das panelas variou muito em função do tipo e do tamanho de cada uma. Contudo, é importante ressaltar que não existe uma padronização de preço entre os artesãos, o que pode estimular grande competitividade e consequentes conflitos, especialmente entre aqueles e aquelas que trabalham e vendem no Galpão, pois convivem lado a lado cotidianamente.

Locais de Produção e Venda

Entre as paneleiras entrevistadas, a grande maioria (66,7%) trabalha no Galpão; 28,6% continuam a produzir panelas nas suas próprias residências; e o restante (4,7%) exerce a função de auxiliar e/ou de extrair matérias-primas, funções para as quais não se aplica a questão sobre locais de produção.

O local de produção em geral corresponde ao local de venda. A maioria (65,2%) afirmou vender no Galpão, enquanto 18,8% vendem na própria residência. Alguns acrescentaram ainda: vendas em exposições, feiras e outros eventos (10,4%); venda para clientes fixos, lojas em outros estados, encomendas e outros, com 1,4% cada. Esses dados estão disponíveis no Gráfico 1.7, e outros acerca dos responsáveis por estas vendas podem ser contemplados no Gráfico 1.8.

Gráfico 1.7. Local de venda da produção

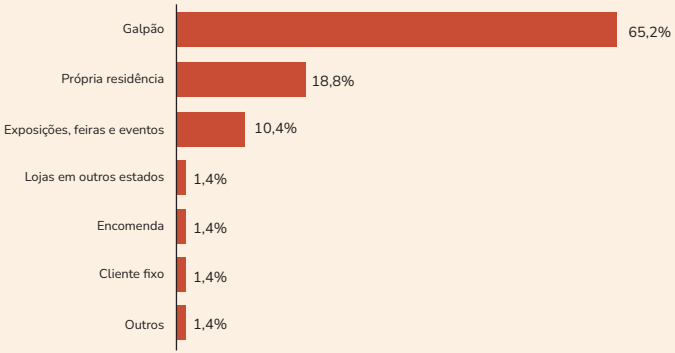
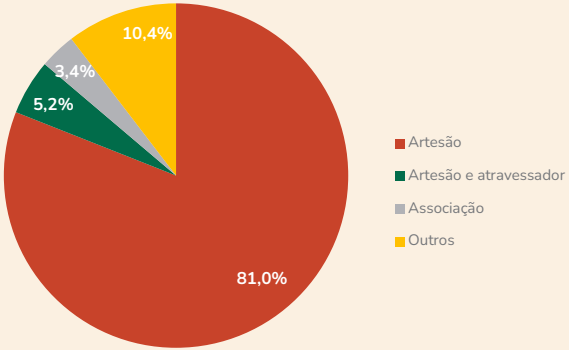


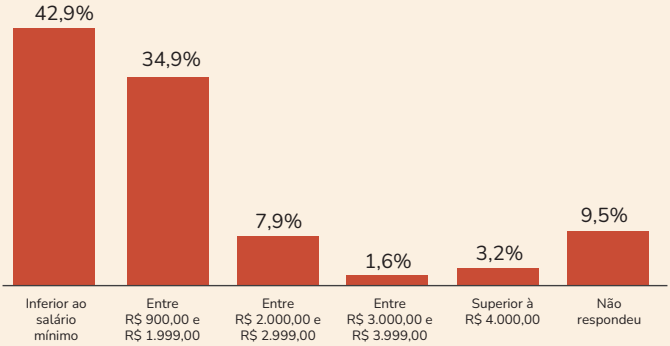
Gráfico 1.8. Responsável pela venda da produção



No que diz respeito à renda média mensal decorrente exclusivamente da produção, a grande maioria dos entrevistados (42,9%) de ambos os sexos afirmou possuir renda inferior a um salário mínimo mensal[1]. Há ainda um grande número de artesãos (34,9%) com renda um pouco maior, entre R$ 900,00 e R$ 1999,00. Estes números estão dispostos no Gráfico 1.9.

[1] É cabível salientar que durante o período da pesquisa o salário mínimo mensal equivalia a setecentos e vinte e quatro reais (R$ 724,00).

Gráfico 1.9. Renda média mensal dos produtores



Cruzando os dados de renda com o local de produção, chegamos à conclusão de que as paneleiras que trabalham no Galpão possuem renda média mensal maior que as paneleiras que trabalham na própria residência. Os Gráficos 1.9.1 e 1.9.2 demonstram que a maioria das paneleiras que trabalham em sua residência (61,1%) possui renda inferior a um salário mínimo, e apenas 11,1% possuem renda entre R$ 900,00 e R$ 1999,00. Em relação às paneleiras que trabalham no Galpão, a situação é inversa, com 59,5% contando com uma renda maior que o salário mínimo e a maioria (45,2%) possuindo renda entre R$ 900 e R$ 1999,00. Ainda, 35,7% recebem um valor inferior ao salário mínimo e 4,8% contam com renda mensal acima de R$ 4.000,00.

Gráfico 1.9.1. Renda média mensal das paneleiras de residência

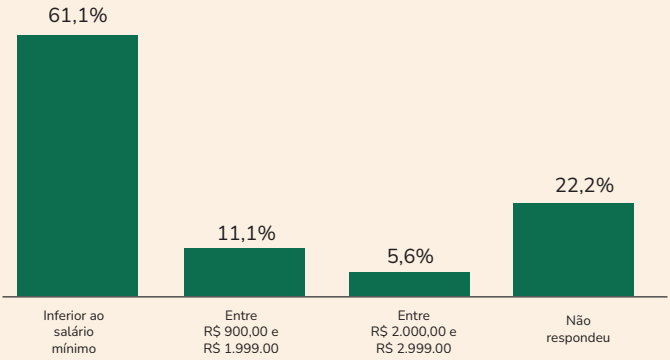
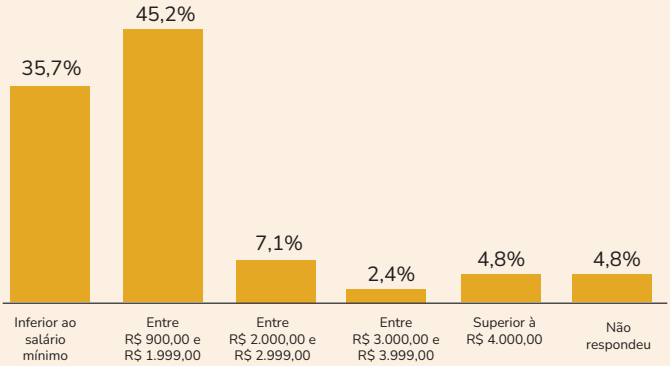
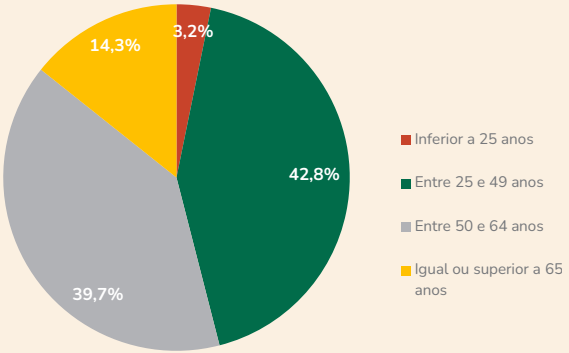


Gráfico 1.9.2. Renda média mensal das paneleiras do Galpão



Em relação à idade, o Gráfico 1.10 demonstra que a maioria dos artesãos (54%) tem mais de 50 anos, havendo um número significativo (42,8%) com idades entre 25 e 49 anos. Chama a atenção a existência de um número baixo de entrevistados (3,2%) com idade inferior a 25 anos, sugerindo dificuldades para a manutenção do ofício entre as próximas gerações.

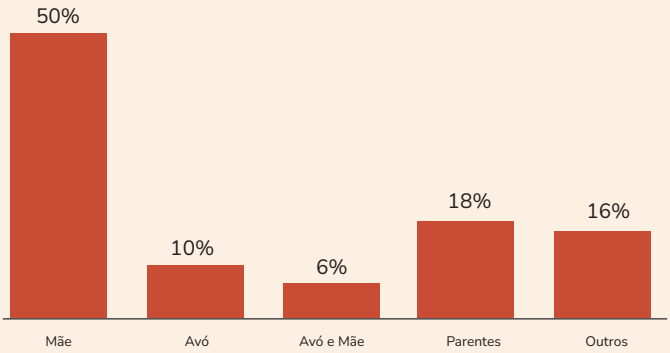
Gráfico 1.10. Faixa etária dos artesãos



Formas de Transmissão do Saber

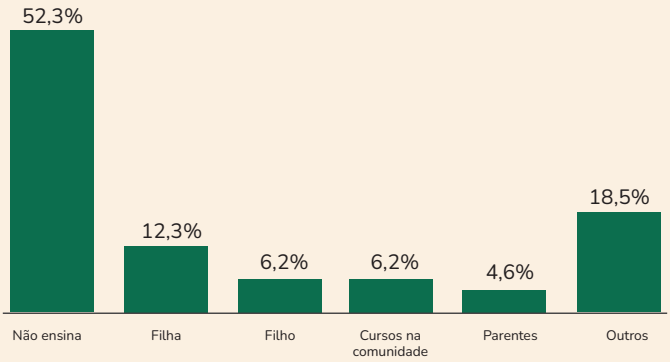
A família foi apontada pelos entrevistados como a principal fonte de aprendizado do ofício. A maioria absoluta (66%) afirma ter aprendido com a mãe, a avó ou as duas. Entre os demais parentes, foram citados ainda cunhados, netos e sobrinhos (18%). Para além do círculo familiar, alguns afirmaram ter aprendido por meio de oficinas realizadas em escolas públicas e, também, por intermédio de algum amigo (16%), informações que podem ser vistas no Gráfico 1.11.

Gráfico 1.11. Com quem aprendeu o ofício?



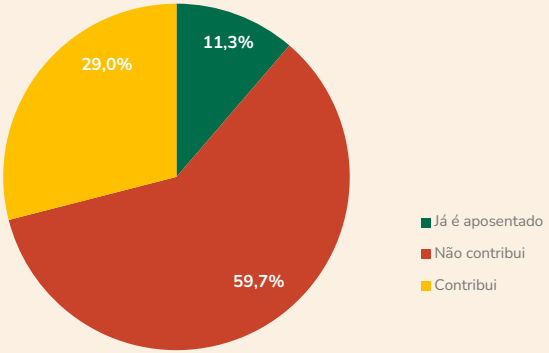
Aqueles que aprenderam com as suas mães e avós, contudo, não conseguem repassar para os próprios filhos. Como evidencia o Gráfico 1.12, a maioria dos entrevistados (52,3%) informou que não ensina a ninguém, 12,3% afirmaram ensinar para a filha e 6,2%, para o filho; 4,6% ensinam para algum outro parente e 6,2% ensinam para escolas ou oficinas/cursos locais.

Gráfico 1.12. Para quem ensina o ofício?



Quando perguntados sobre a razão de não ensinarem, apenas uma pessoa respondeu que não gostava e outra alegou "falta de tempo", enquanto a grande maioria declarou não ensinar por falta de interesse das pessoas, incluindo os próprios filhos. Além de demonstrar a falta de renovação desta atividade artesanal, o fato de a maioria dos artesãos se encontrarem na faixa etária acima de 50 anos é preocupante, sobretudo tendo em vista a reduzida percentagem daqueles que afirmam contribuir para a previdência social, conforme apresentado no Gráfico 1.13.

Gráfico 1.13. Contribuição para a previdência social



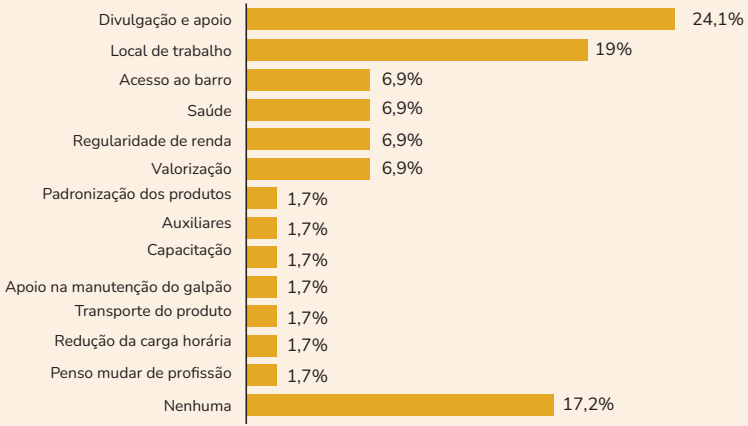
Os dados demonstram, assim, uma grande fragilidade desses artesãos, que, uma vez impedidos de continuar a atividade, por doença ou idade avançada, não têm outra forma de se sustentar, já que não contribuem com a previdência social. Essa situação se agrava quando há muitos membros da família participando da mesma atividade, como é o caso para a maioria dos artesãos de Goiabeiras.

Dentre os 54 entrevistados que responderam ter outros membros da família dedicados à produção de panelas de barro, 35 (79,5%) disseram que a profissão de paneleira é realizada por até 5 membros da família, 6 (13,6%) informaram ter entre 6 e 10 membros, 3 (6,9%) responderam que é realizada por 20 membros e os demais não souberam precisar a quantidade. Dessa forma, torna-se evidente que a produção de panelas de barro é parte significativa, e por vezes exclusiva, da maioria dos artesãos de Goiabeiras.

Apesar das dificuldades, a maioria dos entrevistados (87,1%) pretende permanecer na profissão. Muitos o fazem porque de fato gostam da atividade, porque esta complementa a renda, porque se sentem reconhecidos, por hábito e/ou por tradição. Dentre aqueles que não pretendem continuar, os motivos estão relacionados a problemas de saúde e/ou idade avançada e a busca por melhores rendimentos e segurança – "trabalhar com carteira assinada".

Em resposta à pergunta "O que falta para você continuar fazendo panela de barro?", os artesãos listaram uma série de demandas que foram organizadas em 16 pontos reunidos no Gráfico 1.14.

Gráfico 1.14. Demandas relacionadas à continuidade da atividade



À exceção do grande número de produtores (17,2%) que alegou não faltar nada, as principais demandas foram:

a) 24,1% – Divulgação e apoio

De um modo geral, as paneleiras demandam mais divulgação e apoio de órgãos públicos. As paneleiras que trabalham em casa, no entanto, apresentaram queixas sobre a ênfase dada pela imprensa e órgãos públicos ao novo Galpão, o que tornaria o trabalho delas invisível e, até mesmo, marginal aos olhos dos consumidores, resultando em uma queda brusca nas vendas nos últimos anos.

b) 19% – Local de trabalho

As paneleiras que trabalham dentro do Galpão reclamam que o espaço é pequeno para todas as atividades relacionadas à produção. Já aquelas que trabalham fora dele pleiteiam um espaço para produção e, sobretudo, para a venda dentro do local, porque acreditam que lá há mais visibilidade que o trabalho nas residências. Alguns argumentos apresentados foram: “Falta espaço para trabalhar, os boxes são muito pequenos”; “Aumentar o galpão e ter um espaço específico para as lisadeiras”; “Falta mais espaço para colocar panelas para secar”; “Espaço para trabalhar”; “Espaço é muito pequeno”; “Falta mais espaço no galpão para as outras paneleiras”.

c) 6,9% – Valorização, Saúde, Acesso ao Barro e Regularidade de renda

Algumas paneleiras reclamam da falta de valorização por parte de órgãos públicos, da sociedade e até mesmo da própria APG: “Falta reconhecimento e respeito da própria APG”; “A gente aqui é muito desprezado, nem sacola a gente ganha mais, a gente que é famosa deve ter tudo na mão, mas a gente tem que brigar”.

A falta de assistência no âmbito da saúde é uma reclamação constante: “Não falta nada. Só falta apoio da prefeitura para a saúde nossa”; “Se deus continuar me dando saúde”.

Dificuldades para comprar barro também foram apontadas. Há um controle maior por parte da Secretaria de Meio Ambiente em relação à extração do barro. Este só pode sair do barreiro em caminhão da prefeitura, que realiza viagens com regularidade de quinze dias. A quantidade de barro transportada por vezes é insuficiente para atender a demanda, e não raramente o caminhão quebra e os artesãos não podem retirar o barro por conta própria. Quanto ao tema, também foram registradas queixas das paneleiras que produzem em suas residências de que haveria uma preferência pelo abastecimento das artesãs que produzem no Galpão. A quantidade de pessoas envolvidas na retirada do barro também foi indicada como uma questão, pois são poucos os que realizam esse serviço.

Por fim, as paneleiras mencionaram a instabilidade de rendimentos: “Não tem segurança, estabilidade, se a gente fica doente não recebe nada”; “Deveria haver mais capacitação e cadastro como trabalho formal (carteira assinada)/Transformar em cooperativa”.

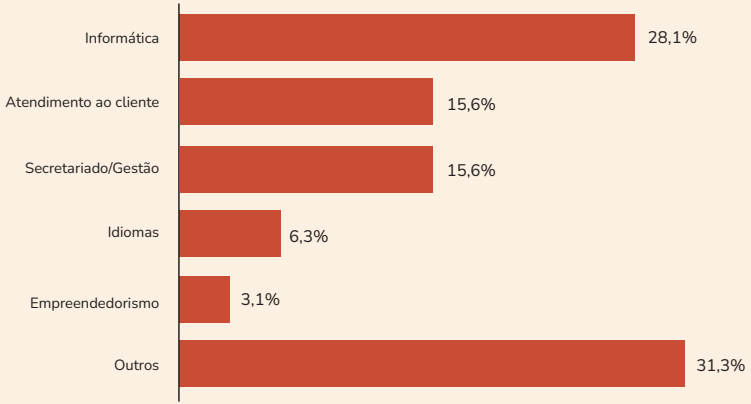
d) 1,7% – Padronização dos produtos, Redução de carga horária ou trabalho, Transporte das peças para outros estados (Transporte do produto), Apoio na manutenção do Galpão, Auxiliares e Capacitação.

Uma série de outras demandas apareceram em menor citação, mas ainda assim é importante registrá-las, por se tratarem de objeto de preocupação: “Tabelar os preços no galpão”; “Transporte do produto para outros estados”; “Lugar próprio para venda além do galpão”; “Apoio da prefeitura para dar uma ajuda, lavar o galpão, essas coisas”; “Falta de pessoas para serem ajudantes”; “Falta real ajuda dos governantes, eles poderiam ajudar mais com curso para a gente, para melhorar o atendimento ao cliente, ao turista”.

De fato, a maioria (55,2%) alegou não possuir qualquer tipo de capacitação técnica profissional. Dentre aqueles que afirmaram ter feito algum curso, a maioria

citou informática (28,1%). Outros cursos citados foram: empreendedorismo (3,1%), atendimento ao cliente (15,6%) e secretariado/administrativo (15,6%), oferecidos pelo Sebrae, e, ainda, curso de idiomas (6,3%), sobretudo inglês. Os demais cursos mencionados (31,3%) não dizem respeito diretamente à produção, a saber: culinária, manicure, costureira, eletricista, massagista, lavanderia e outros. Esses dados estão disponíveis no Gráfico 1.15.

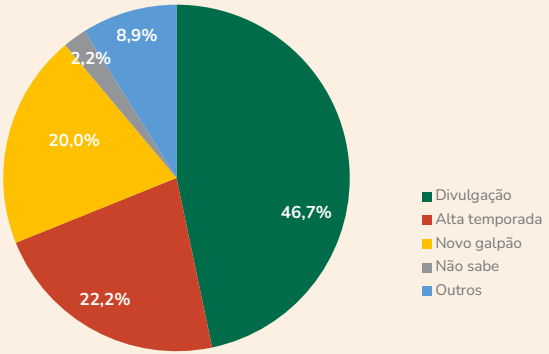
Gráfico 1.15. Cursos de capacitação



Quanto ao turismo relacionado à atividade das paneleiras, 80,7% consideram que cresceu o número de turistas no Galpão, sobretudo nos seis últimos anos. Dentre as razões destacadas, disponíveis no Gráfico 1.16, estão: aumento da divulgação (46,7%) – citam a prefeitura, a imprensa e a internet como responsáveis pelo aumento da divulgação, além de mencionar os registros da Indicação Geográfica e patrimônio imaterial; alta temporada (22,2%) – afirmam que no verão o Galpão

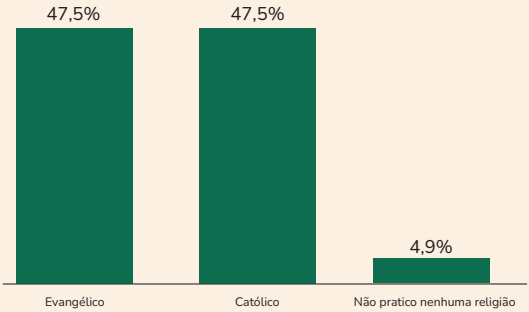
se beneficia do grande número de turistas em Vitória; construção do novo galpão (20%) – mais bem sinalizado e com mais visibilidade na mídia local. Foram mencionadas, ainda, a divulgação das panelas em outros estados por meio da participação em feiras, a Festa das Paneleiras e a criação de novos modelos. Aqui também observamos indicação pelas entrevistadas de que as vendas no galpão são mais beneficiadas com a atividade turística.

Gráfico 1.16. Razões do aumento do turismo no Galpão



No quesito religião, observamos que o conjunto das paneleiras possui a mesma proporção entre católicos e evangélicos, 47,5% cada; 4,9% responderam não praticar nenhuma religião, como evidencia o Gráfico 1.17.1.

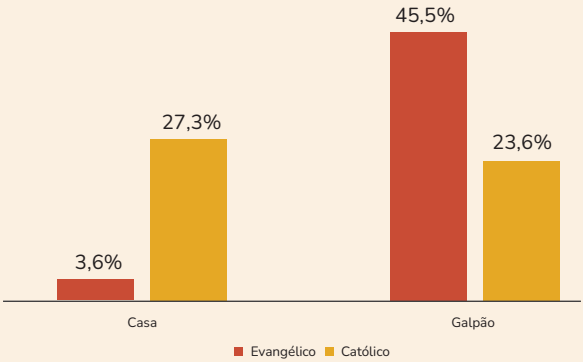
Gráfico 1.17.1. Religião



Cruzando os dados entre religião declarada e a informação sobre artesãos/paneleiras que trabalham dentro e fora do Galpão, temos a seguinte configuração: a maioria das paneleiras/artesãos que trabalham na residência (27,3%) são católicas(os) e 3,6%, evangélicas(os). De forma oposta, a maioria das paneleiras/artesãos que trabalham no Galpão (45,5%) são evangélicas(os) e 23,6%, católicas(os).

O Gráfico 1.17.2 apresenta a proporção de católicos(as) e evangélicos(as) entre o Galpão e a residência.

Gráfico 1.17.2. Religião x Local de produção



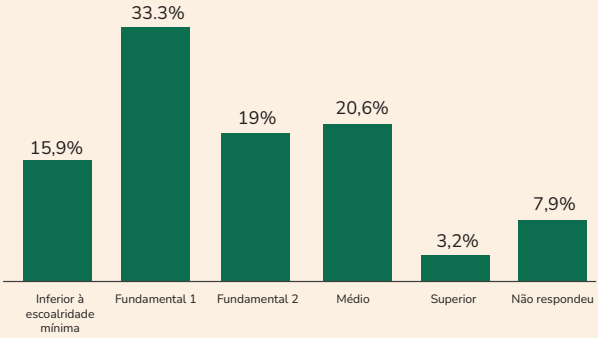


II. PERFIL SOCIOECONÔMICO E INFRAESTRUTURA DA COMUNIDADE

A maioria dos entrevistados (86%) vive atualmente em Goiabeiras e 82% indicaram o bairro como local de origem. Mesmo aqueles que indicaram ter nascido em outro local vivem em Goiabeiras há mais de 10 anos. A maioria tem origem em municípios do próprio Espírito Santo – Águia Branca, Ibiraçu, Colatina e Vila Velha –, poucos vêm de outros estados – Minas Gerais e Bahia.

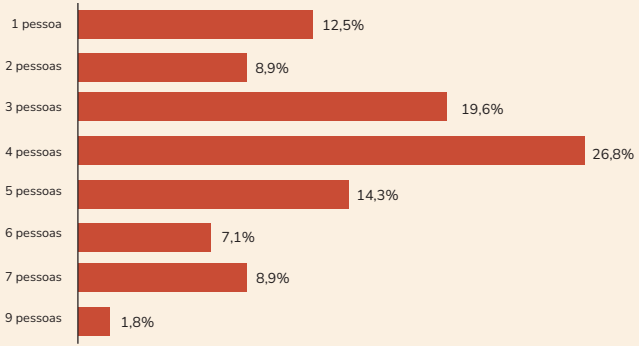
No que se refere à escolaridade, a maioria (33,3%) possui o ensino fundamental 1 completo ou ensino fundamental 2 incompleto, 20,6% completaram o ensino médio, e é também alta a percentagem (15,9%) daqueles que possuem nível de escolarização abaixo do mínimo, ou seja, são analfabetos ou contam apenas com fundamental 1 incompleto. Por fim, temos um baixo índice de artesãos(ãs) com nível superior (3,2%), como demonstra o Gráfico 2.1.

Gráfico 2.1. Nível de escolaridade



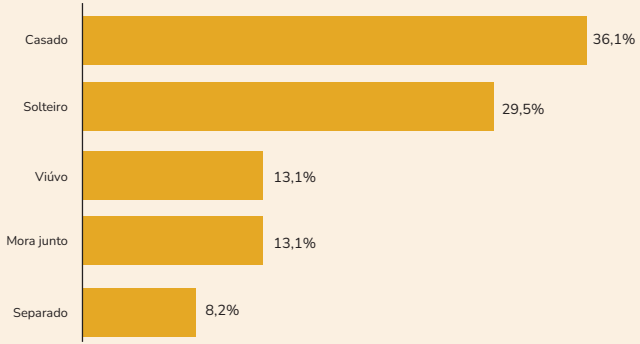
Os dados indicam que 56,9% dos artesãos/artesãs entrevistados(as) são chefes de família. A maioria das habitações (60,7%) tem de 3 a 5 pessoas. Contudo, chama atenção o grande número daqueles que vivem sozinhos, correspondendo a 12,5% do total, informações essas disponíveis no Gráfico 2.2.

Gráfico 2.2. Número de pessoas por habitação



O grande número de pessoas vivendo sozinhas é condizente com a equivalência da proporção de solteiros, separados e viúvos (50,8%) em relação à proporção de casados e "amigados" (que moram juntos) (49,2%), equivalência essa que pode ser visualizada no Gráfico 2.3. No que diz respeito à profissão dos cônjuges, 8 responderam que seus parceiros(as) são paneleiras/artesãos e os outros 21 citaram as mais diversas profissões: pedreiro, marceneiro, pescador, cozinheiro, desenhista, zelador, vigilante etc.; houve ainda um aposentado e outro desempregado.

Gráfico 2.3. Estado Civil



Em relação a ter filhos, 80,3% responderam afirmativamente, e a maioria possui entre um e dois deles, conforme indica a Tabela 2.1.

Tabela 2.1. Quantidade de filhos por artesão/artesã

Número de filhos	Quantidade de respostas / pessoas	Porcentagem
Único	10	22,2%
Dois	12	26,7%
Três	6	13,4%
Quatro	4	8,9%

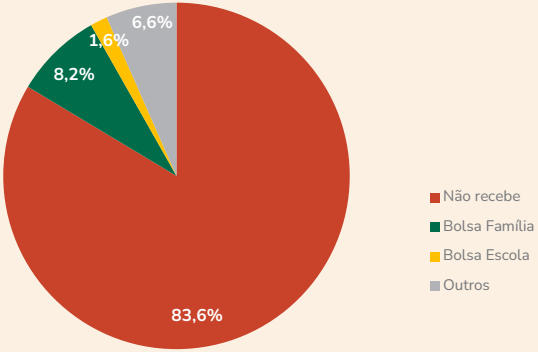
Cinco	6	13,4%
Seis	2	4,4%
Sete	2	4,4%
Oito	1	2,2%
Nove	1	2,2%
Quatorze	1	2,2%
Total	**45**	**100%**

A maioria das(os) entrevistadas(os) (59,6%) afirmou que gostaria que seus filhos continuassem a exercer o mesmo ofício. Contudo, um número significativo (40,4%) respondeu negativamente a essa questão. Aquelas(es) que responderam de forma positiva têm entre os seus principais argumentos a continuidade da tradição e, também, a necessidade de auxílio para a realização do trabalho.

Por outro lado, os(as) que responderam negativamente à questão argumentam que o trabalho é pesado/sacrificante, mal remunerado e pouco valorizado socialmente. Um(a) dos(as) entrevistados(as) chega mesmo a afirmar: "Quero uma profissão de verdade para ele", dando a entender que pensa que o próprio trabalho não tem valor ou não é valorizado suficientemente para ser reconhecido como profissão.

A falta de segurança em relação aos rendimentos advindos do trabalho é potencializada pelo fato de a grande maioria (83,6%) não receber nenhum tipo de benefício governamental. Apenas 8,2% mencionaram receber Bolsa Família e 1,6%, Bolsa Escola. Dentre os que mencionaram outros (6,6%), trata-se de algum benefício do INSS, como pensão por morte do marido ou filho com necessidades especiais. Esses dados estão disponíveis no Gráfico 2.4.

Gráfico 2.4. Benefícios governamentais



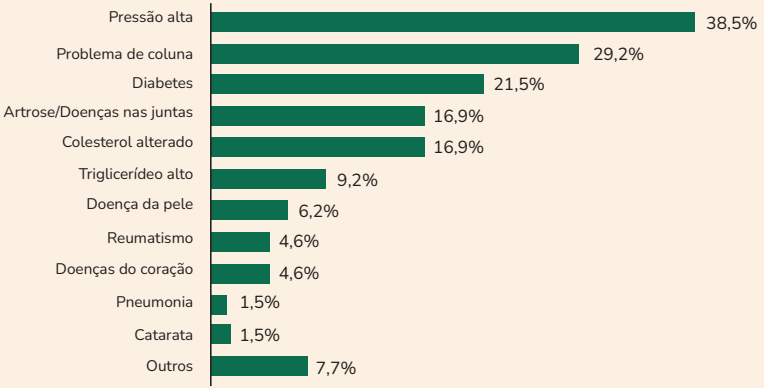
A maioria dos(as) entrevistados(as) (75,4%) afirma viver exclusivamente da venda de panelas de barro, não desempenhando qualquer outra atividade remunerada. Entre os 24,6% que responderam possuir outra forma de remuneração, foram mencionadas as seguintes atividades: auxiliar de serviços gerais no aeroporto; doméstica/diarista/babá; marceneiro; conserto de barco; embaladora de supermercado; e revendedora Avon.

Dentre aquelas(es) que afirmaram exercer outra atividade remunerada, 72,7% disseram que essa outra atividade possui alta relevância para a sua sobrevivência e de sua família, 9,1% disseram possuir média relevância e 18,2%, baixa relevância.

Quando perguntados sobre problemas de saúde, apesar de a maioria (52%) não observar relação entre a doença que possui e o ofício de paneleira, um número significativo (48%) afirmou que a atividade agrava a doença. A maioria alegou problemas de coluna relacionados ao peso do barro/das panelas e a postura ina-

dequada de trabalho. Além dessas, apontaram doenças relacionadas a esforços repetitivos e, também, problemas de ordem respiratória em decorrência da poeira ou da fumaça inalada na queima das panelas. Dados referentes aos problemas de saúde das(os) paneleiras/artesãos podem ser verificados no Gráfico 2.5.

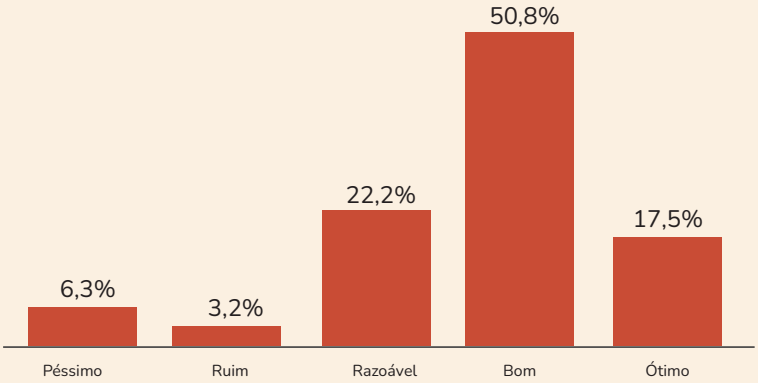
Gráfico 2.5. Problemas de saúde



As justificativas na íntegra foram reunidas na lista a seguir:

Em relação ao policiamento, 57,1% dos(as) entrevistados(as) se sentem seguros em Goiabeiras, contra 42,9% que não se sentem. De fato, a maioria dos entrevistados (68,3%) avaliou o policiamento do bairro de bom a ótimo, 22,2% avaliaram como razoável e apenas 9,5%, como ruim ou péssimo, o que consta no Gráfico 2.6.

Gráfico 2.6. Avaliação do Policiamento



Em relação aos serviços que faltam na comunidade, os entrevistados mencionaram: unidade de saúde (76,1%); biblioteca (22,2%); cartório (20,63%); correios (11,11%); bancos e delegacia (6,3%). Outros citados foram supermercado, farmácia, hospital, igreja católica, projetos sociais e atendimento especial para deficientes e idosos.

Entre os equipamentos sociais, foi indicada a falta de clubes e de um centro comunitário, conforme é possível deduzir da Tabela 2.2.

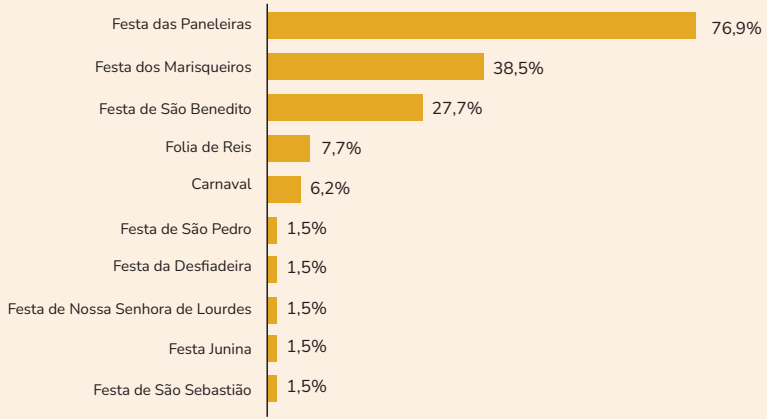
Tabela 2.2. Equipamentos da comunidade

Número de filhos	Sim	Não	Não sabe	NR*
Praças	62	0	0	1
Quadra de esportes	53	4	1	5
Campos de Futebol	55	2	1	5
Clubes	11	46	3	3
Centros Comunitários	18	38	5	2

Nota: *Não Respondeu.

No que diz respeito às atividades culturais, 95,2% dos entrevistados(as) responderam positivamente à pergunta sobre a existência de festas tradicionais na comunidade. As celebrações mais citadas por ordem de importância foram: a Festa das Paneleiras de Goiabeiras; a Festa dos Marisqueiros; e a Festa de São Benedito. Estas e outras festividades citadas constam no Gráfico 2.7.

Gráfico 2.7. Festas Tradicionais citadas por detentores



A maioria dos(as) entrevistados(as) (63,8%) afirmou participar das festas, contra 36,2% que não participam. No que diz respeito especificamente à participação na Banda de Congo nas celebrações tradicionais, embora a maioria (62,5%) afirme não participar, há uma porcentagem grande (37,5%) que participa ou participou da banda de alguma forma, sendo citados exemplos como: dançarina, tocador de tambor, coro ou mesmo só acompanhando, em geral na infância ou adolescência.



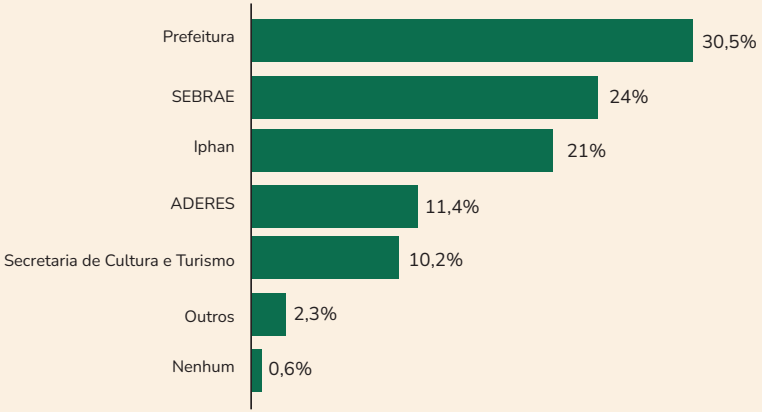
III - INSTITUIÇÕES PARCEIRAS, ASSOCIATIVISMO E PERSPECTIVAS DE CONTINUIDADE DO OFÍCIO

A pergunta **“Para você quais as principais contribuições da APG?”** obteve 61 respostas. Embora tenha havido mais avaliações negativas (45,99%), as avaliações positivas sobre o trabalho da APG também foram altas (41%). Ainda, um percentual menor (13,1%) não soube ou não quis responder.

As maiores críticas à Associação são provenientes das entrevistadas que produzem e vendem em suas residências, uma vez que sentem menos os efeitos das ações da APG. Inversamente, as paneleiras e artesãos que produzem no Galpão se beneficiam de maneira mais próxima das conquistas da Associação, sendo o Galpão em si uma delas. Observam a necessidade de uma organização social atuante para que continuem conseguindo a parceria de outras instituições.

Em relação aos órgãos que apoiam de forma regular "a tradição do ofício na comunidade", a maioria (30,5%) citou a Prefeitura, com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) em segundo lugar, com 24%, e em terceiro, com 21%, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). A Agência de Desenvolvimento das Micro e Pequenas Empresas e do Empreendedorismo (ADERES) foi citada com 11,4% e a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, com 10,2%. Dentre os 2,3% que responderam "outro", foi citada a empresa Marca Ambiental, responsável por fornecer lenha para a queima das panelas. Por fim, 0,6% mencionou que nenhuma instituição apoia as paneleiras, vide o Gráfico 3.1.

Gráfico 3.1. Instituições que apoiam a tradição do ofício na comunidade



Os principais problemas ou dificuldades mencionados pelas paneleiras/artesãos no que diz respeito à produção de panelas foram: espaço para a produção (25,3%); acesso ao barro (19,7%); falta de apoio, divulgação e incentivo, especialmente em relação às parcerias governamentais (9,8%); e a desvalorização das paneleiras que trabalham em casa (8,5%). Foram mencionados, ainda: prejuízo à saúde por causa da queima, condições de trabalho inadequadas, falta de alternância na APG. Somaram 13% os que responderam não identificar nenhum problema, e 17,4% não souberam dizer ou não responderam.

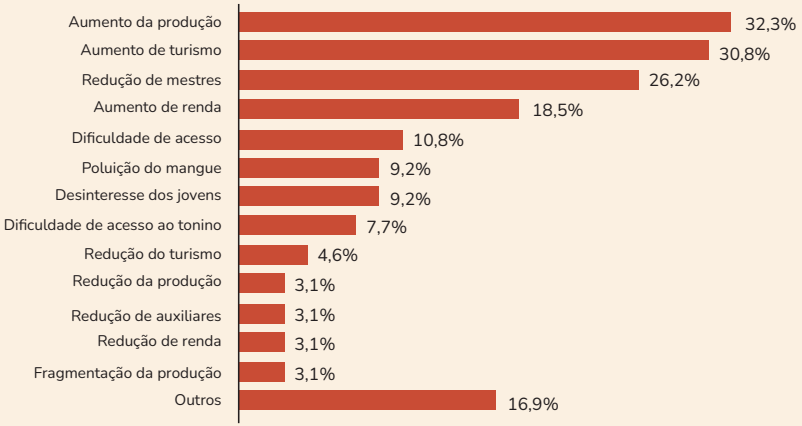
Do ponto de vista ambiental, no que se refere ao local de extração do barro, 87% dos(as) entrevistados(as) afirmaram conhecer o barreiro. De acordo com 24,4%, não houve qualquer alteração no local. Contudo, 46,7% afirmam que a quantidade de barro no local diminuiu e 17,7% notaram alteração na qualidade do barro.

Em relação ao mangue, os maiores impactos ambientais percebidos foram: aumento do volume de lixo no local (41,2%); poluição por esgoto (28,5%); cata predatória de caranguejo (17,4%); desmatamento (9,5%); e redução do tanino (4,7%).

A maioria (77,6%) das(os) entrevistadas(os) respondeu que não enfrentam problemas com órgãos públicos ou privados. Dos 22,4% que responderam positivamente a esta questão, mencionaram: reclamações sobre a fumaça da queima; fiscalização sobre a madeira de queima; Receita Federal, taxa do SPU, taxa do IPTU municipal; e disputa com a Marinha pelo terreno onde se encontra o Galpão.

Quando perguntados se identificam alguma alteração na prática do ofício nos últimos anos, 73,8% responderam “sim”, 17,5% responderam “não” e 9,5% não responderam. As principais mudanças apontadas foram: aumento da produção (32,3%); aumento do turismo (30,8%); redução dos mestres (26,2%); aumento da renda (18,5%); dificuldades de acesso ao barro (10,8%); e desinteresse dos jovens e poluição do mangue (9,2%). Todos esses números encontram-se dispostos no Gráfico 3.2.

Gráfico 3.2. Mudanças na Produção



Foram citados ainda: os enfeites/ornamentos das panelas; falta de apoio às paneleiras de residência; diversificação dos tipos de panelas e criação de outras peças; mudanças para pior na organização da Festa das Paneleiras; as panelas são moldadas com a paneleira/artesão na posição de pé, enquanto antes o trabalho era feito sentado; a APG; falta de interesse de aprendizado; qualidade das panelas; aumento da concorrência por clientes; obrigatoriedade de comprar o barro; uso de novos materiais, como o couro usado para arredondar o barro.

Embora a maioria (69,6%) dos(as) entrevistados(as) afirme produzir apenas panelas, há uma grande percentagem de artesãos (30,4%) que se aventura na produção de peças de cerâmica diferenciadas. Foram citadas: caldeirões para feijoada

com ornamentos de porcos; caldeirões para feijoada e peças decoradas; cinzeiro; pimenteira; porquinho; casca de siri; miniatura de panelas; cofre; e chaleira.

Quando perguntados sobre o futuro do ofício, a maioria das respostas (57,1%) foi pessimista. As maiores preocupações dizem respeito ao fim do barro, à falta de interesse da juventude em dar continuidade ao ofício e à falta de renovação na direção da associação. Para as(os) 25,4% das(os) entrevistadas(os) que responderam de forma otimista, a tendência é de melhorias na produção e na divulgação. Há quem não acredite que o barro possa acabar e aqueles que apostam no apoio do Iphan e outros órgãos governamentais no sentido de reverter a atual situação de desinteresse da juventude e, assim, garantir a continuidade do ofício. Por fim, 17,5% não responderam à questão ou alegaram não saber avaliar.

CONCLUSÃO

Embora não seja possível precisar o número total, estima-se que existam atualmente em torno de cinquenta e cinco (55) paneleiras/artesãos mestres de ofício em atividade, e mais cerca de trinta (30) ajudantes em diversas funções (auxiliar, lisadeira/o, casqueiro, tirador de barro, aprendiz). Esse resultado foi obtido ao comparar os dados do Diagnóstico Sociocultural da Pesquisa de Revalidação do Ofício das Paneleiras (novembro/2014 a fevereiro/2015) com os dados do Diagnóstico das Paneleiras realizado no âmbito do Promoart/CNFCP (2010) e com o resultado das visitas de campo para identificação das paneleiras/artesãos que trabalham em casa e no Galpão, realizada pela equipe da segunda fase da pesquisa de revalidação (outubro a novembro de 2015).

Essa comparação permitiu que se chegasse à conclusão de que a quantidade de entrevistadas(os) do Diagnóstico Sociocultural da Pesquisa de Revalidação do Ofício das Paneleiras (65) é de fato representativa do universo de artesãs(os) das panelas de barro de Goiabeiras. Nesse sentido, apesar dos problemas de formulação e preenchimento dos questionários que, conforme mencionado na Introdução, obrigaram-nos a desconsiderar ou ajustar algumas questões, ressaltamos que, no conjunto, os dados obtidos revelaram informações importantes para a compreensão do contexto atual relativo ao Ofício das Paneleiras de Goiabeiras, a saber: as condições de produção e reprodução da prática; a caracterização das paneleiras e demais atores envolvidos; a organização social do grupo; a identificação das condições de infraestrutura do bairro e qualidade de vida das paneleiras; a avaliação das políticas públicas até então implementadas visando à valorização deste bem cultural; e as perspectivas das(os) detentoras(res) em relação ao futuro do ofício.


3600
1900

Este livro foi composto com a família da fonte Nunito,
corpo 9,5, entrelinha 11,4.



Edições IPHAN